

sessões do MAGNÁRIO

VOL. 21 | N. 36 | 2016 | <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3710.2016.2>



CURTA NOSSA
PÁGINA



Dossiê TV Pública

**Kitsch: ética, estética e
gosto popular**

Solange Wajnman

P. 115

**TV Pública:
Culturas e Regionalidades**

Ana Luiza Coiro Moraes e Nádia Maria Weber Santos

P. 27

**A cidade, a vida nervosa e
as doenças mentais**

Denise Cristina Ayres Gomes e Roberto Ramos

P. 126

Apresentação

Cristiane Finger 

Este texto de apresentação vai ser um tanto diferente dos demais. Vai ter gosto de despedida. Eu comecei como Editora Responsável da Sessões do Imaginário ainda em 2010, na edição de número 24, por indicação do amigo e colega Juremir Machado da Silva, então Coordenador do PPGCOM da Famedcos/PUCRS. A missão era fazer da Sessões do Imaginário não apenas uma transposição do impresso para o online, mas que o periódico realmente tivesse todas as características deste novo meio. Além disso, a revista deveria ser dos alunos de Pós-graduação, um espaço discente. Sete anos, onze números e centenas de artigos depois, chegou a hora de “passar o bastão” para o professor André Pase, que já vem acompanhando o trabalho nos últimos tempos. A Sessões 36 vai ficar marcada como o último número sob o comando desta editora. Tenho a certeza de que os objetivos inicialmente impostos foram alcançados, mas não foram os únicos.

Vou sentir falta da parceria com os alunos do nosso PPGCOM que realizam o maior trabalho com extre-

ma dedicação. Desde o contato com os autores quando necessária alguma modificação; interlocução com os pareceristas chamando atenção para os prazos; a revisão dos textos que vão e vem num movimento incessante; a diagramação que sempre tem que ser feita rapidamente; e então, a publicação, quando temos aquela sensação de alívio. Logo, em seguida, tudo recomeça com mais uma reunião da equipe, quando prometemos fazer mais e melhor para o próximo número.

Editar uma revista científica é um desafio que poucos conhecem. Um trabalho que, quando bem feito, passa despercebido pelos colegas, mas, quando algo errado acontece (um atraso por exemplo, o que é comum nas publicações brasileiras), todo mundo reclama.

A maior parte das publicações científicas dos diversos programas que eu conheço é resultado da dedicação pessoal de professores e alunos. São tarefas que não contam com profissionais técnicos contratados, não têm orçamentos próprios, não têm bolsistas exclusivos e, às vezes, nem as horas dos professores são totalmente

planilhadas. Então, como as revistas são publicadas? Por milagre. Ou melhor, são pequeninos milagres que oportunizam a circulação de conhecimento, a divulgação das pesquisas e acesso dos pesquisadores ao pensamento dos colegas. São lugares em que podemos ver e ser vistos. Lugares de fácil acesso, que fazem parte do Estado da Arte de quase todas as dissertações e teses.

A Sessões do Imaginário já completou 20 anos de existência, é uma das mais antigas da Comunicação. Já foi classificada como B4 e, depois de apenas um ano da implantação de mudanças, galgou vários extratos ao mesmo tempo, chegando a B1 no Qualis CAPES. Foi uma das primeiras a ter uma diagramação pensada exclusivamente para o ambiente *online* e a pioneira em agregar outras informações aos artigos, como links do *lattes* dos autores, áudios, vídeos, entrevistas em vídeo com grandes nomes, entre outras novidades. É dedicada, principalmente, aos discentes que têm dificuldades em encontrar espaço para publicar, uma vez que, nos melhores periódicos, as disputas acontecem entre es-

tudantes e seus próprios professores e orientadores.

Neste número, não por acaso, uma vez que esta é a minha área de atuação, estamos divulgando um Dossiê sobre Televisão Pública. O tema não poderia ser mais oportuno, já que as TVEs, conhecidas no país como públicas, estão seriamente sob ameaça de extinção, como é o caso no Rio Grande do Sul. A seleção destes artigos ficou sob a responsabilidade das professoras: Ana Luiza Coiro Moraes e Nádia Maria Weber Santos que, depois de editarem o livro *TVS PÚBLICAS: memória de arquivos audiovisuais*, ainda tiveram fôlego para selecionar outros artigos sobre o tema, uma produção que não poderia ser simplesmente arquivada e merecia fazer parte da discussão aqui, na nossa revista. Por tudo isso, um agradecimento especial a estas amigas!

Outro agradecimento especial às nossas autoras convidadas: a professora Cláudia Moura, cujo trabalho inédito *Ensino de Jornalismo: referências para a formação acadêmica* deverá ser um dos textos mais consultados desta edição, e as professoras Ana Carolina Temer e Simone Tuzzo que com o artigo *Pedaços de maus caminhos: o belo e o grotesco nas representações das cidades no telejornalismo brasileiro* fazem uma análise da estética, das rotinas de produção e dos valores notícia.

Também neste número, assim como em todos os demais em que estive como Editora, houve o cuidado para atender a todos os programas, dos mais variados cantos do país. A Sessões é um cantinho no Sul do Brasil para pesquisadores em comunicação do Norte, do Centro, do Sudeste e do Nordeste...

E assim me despeço, agradecendo a confiança dos autores que cada vez são mais numerosos, aos avaliadores que foram não apenas convidados mas convocados por mim a colaborar, a equipe da EDIPUCRS que sempre esteve pronta para atender nossas dúvidas e,

principalmente, a minha equipe que começou com apenas dois alunos bolsistas e agora está multiplicada por dez, com mestrandos e doutorandos maravilhosos.

Não é um adeus, só um até logo. Contem sempre comigo, mesmo que não seja preciso já que a Sessões segue num bom caminho e em ótimas mãos.